



menina ao mar

MAYA, EM SÂNSCRITO, SIGNIFICA ILUSÃO. MAS A MAYA DA NOSSA HISTÓRIA NÃO SE ENGANA. SABE QUE PARA SER A MAIOR SURFISTA DE ONDAS GRANDES DO MUNDO TEM QUE MANTER O PÉ NO CHÃO

| por Carlos Sarli fotos Daniel Aratangy

“ SE NÃO TIVESSE SIDO INCONSEQÜENTE,
NÃO TERIA CHEGADO AONDE CHEGUEI ”



SEJAMOS HONESTOS. Pouca gente acreditou em Maya Gabeira quando ela, então com menos de 18 anos, filha de um conhecido político carioca, decidiu se tornar surfista profissional de ondas gigantes. Afinal, ela havia decidido se meter numa das vertentes mais perigosas e machistas do surf mundial, na qual os surfistas encaram ondas de até 70 pés e são conhecidos como "big riders".

Contrariando todos os prognósticos, Maya, 21 anos, é simplesmente a melhor surfista de ondas gigantes do mundo e, a despeito de ser um esporte praticado quase que exclusivamente por homens, é consenso que pouquíssimos marmanjos têm a coragem e o talento da bela loira.

Filha do deputado federal pelo Partido Verde — e candidato à prefeitura do Rio de Janeiro — Fernando Gabeira e da estilista Yamê Reis, Maya entrou para o mundo do surf por conta de um ex-namorado, um predeterminado a revelar uma das maiores surfistas brasileiras. "Ia muito para a praia com ele e ficava só olhando. Mas acabei percebendo que ele e todos os nossos amigos pareciam muito felizes, dispostos e de alto-astrol quando estavam surfando. Aí resolvi entrar na Escola de Surf do Arpoador, no Rio. Tinha 14 anos", lembra Maya. Detalhe: o namoro acabou pouco tempo depois, mas o garoto já havia cumprido sua função em nossa história.

A menina rebelde que já havia estudado na Austrália com 15 anos e prezava a sua liberdade e independência acima de tudo, decidiu, aos 17 anos, passar um tempo sozinha, se conhecendo melhor, no Havaí, lugar que povoa os sonhos de 10 entre 10 surfistas ao redor do mundo. "A solidão te traz autoconhecimento e para se conhecer bem você tem que estar legal espiritualmente. Tem que gostar de si próprio", atesta.

GARÇONETE

Após idas e vindas, Maya acabou em Waimea, e depois de conferir ao vivo big riders descendo ondas de 30 pés decidiu que era aquilo que gostaria de fazer da vida. Mesmo com o descrédito de alguns, críticas de outros, ela seguiu em frente e credita os méritos à sua família. "Meu pai e minha mãe sempre me apoiaram. Aliás, o meu pai é um grande exemplo para mim", conta. Porém, até para os mais otimistas, Maya estourou rápido demais. "Quando cheguei a Waimea prometi a mim mesma que faria qualquer coisa para surfar naquele mar e achei que levaria uns quatro anos para conseguir. Mas, para a minha surpresa, no ano seguinte eu já estava surfando lá. Foi mais rápido do que imaginei, mas nada além do fato de eu me dedicar muito, treinar demais e querer enlouquecidamente realizar o meu objetivo", diz Maya.

Engana-se quem imagina que o fim da adolescência de Maya foi moleza. Salários, orçamentos para viagens e patrocínios vieram há pouco mais de um ano. Até então, ela trabalhava como garçonete no North Shore. Agora, já tem uma casa lá, uma estrutura maior e mora sozinha. A base segura no Havaí serve para que ela treine mais e se prepare ainda melhor para os desafios que virão. Quando está fora do mar, não faltam em sua rotina musculação e ioga.



DIREITA OU ESQUERDA?

O DEPUTADO FERNANDO GABEIRA VAI AO GOOGLE PARA SABER DAS AVENTURAS DE MAYA E SE CERTIFICAR DE QUE A FILHA ESTÁ BEM, MAS DIZ NÃO SE INCOMODAR EM SER PAI DE UMA BIG RIDER

por Gonçalo Junior

"Desde pequena Maya preferia situações de desafio", lembra o deputado Fernando Gabeira. Em vez de podá-la, o que valia era dar espaço para ela ser livre e fazer o que gostasse. "Sempre deixei claro que valorizo esse aspecto de buscar a liberdade." E o que o tranqüiliza é o fato de a big rider fazer tudo com bastante responsabilidade. Entre o orgulho e o coração apertado de quem tem de acompanhar as peripécias da filha a distância, o deputado falou com exclusividade sobre como criou e convive com uma surfista destemida.

Desde cedo você percebeu que Maya tinha gosto pelo lado mais radical da vida. Lembra-se de algo que sinalizaria seu interesse por surf de ondas grandes?

Lembro-me que, no ano seguinte à queda do muro de Berlim [1989], fomos morar na Alemanha, onde trabalhei como correspondente do jornal *Folha de S.Paulo*. Maya tinha 3 para 4 anos. Desde essa época, percebia que ela preferia, sim, situações de desafios. Lembro que, numa viagem a Copenhague, levei-a a uma roda-gigante e, por mais que eu passasse mal, ela insistia para que continuássemos. Certa vez, ainda na Alemanha, teimou que queria um cavalo de verdade para ir à escola.

No começo, você temeu pela segurança dela por causa de seu interesse pelo surf mais arriscado?

Com 17 anos, ela viajou sozinha para pegar ondas na Indonésia,

o que traz preocupação para qualquer pai. E ela se virou muito bem. Impôs-se uma série de desafios nos lugares mais remotos do planeta. Sua opção pelo surf não me causou muita apreensão. Primeiro, porque estava se tornando comum a presença de meninas nesse esporte. Depois, ela começou nos campeonatos locais. Após passar um tempo na Austrália, interessou-se por ondas maiores. Mesmo assim, eu não tinha noção do tipo de atividade na qual ela estava envolvida, até começar a ler as notícias na internet. Até que aconteceu um acidente em Sumatra, na Indonésia, quando ela rompeu a cabeça numa praia deserta. Felizmente, apareceu um médico que costurou o corte ali mesmo. Foi um momento de preocupação e angústia porque ela ficou um mês sem dar notícias. Só depois de recuperada pôde viajar e encontrar um telefone. Nesse momento, realmente me dei conta de que ela fazia algo que poderia machucá-la mesmo.

Você é do tipo de pai que dá conselhos sobre segurança ou mesmo para que mude de atividade esportiva?

Tranqüiliza-me a certeza de que ela faz tudo com muita responsabilidade, que tem preocupação em tomar medidas que devem ser seguidas em qualquer esporte. Ou seja, ter um ótimo preparo físico, boa alimentação e zelar pela parte psicológica. Mesmo assim, como pai, não deixo de me preocupar. Recentemente, ela tomou uma "vacca" no Taiti e logo depois me ligou para dizer



Na outra pág.,
Maya fazendo caras e
bocas em momento
descontraído. Aqui, se
arriscando em
Teahupoo, no Taiti.
Abaixo, brincando com
pai, Fernando Gabeira

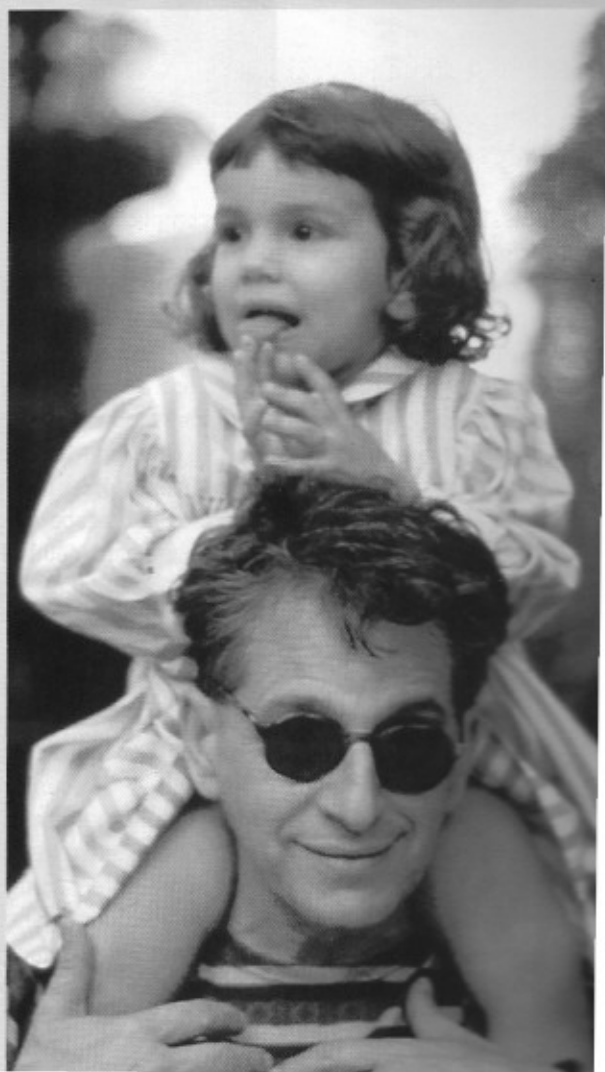
que estava tudo bem. Ao ver a imagem na televisão, entretanto, fiquei bastante assustado. Por isso, de vez em quando vou ao Google para saber as últimas notícias de Maya. E acesso o blog de Carlos Burle, grande amigo e mestre dela, com quem faz parcerias.

Há quem identifique aproximação entre seu passado de militante da luta armada e o que Maya faz no surf. Ou seja, duas atividades radicais em épocas e contextos diferentes. Você percebe essa relação?

Quando se compara o que Maya faz hoje com o meu passado de militante político — quer dizer, de nosso envolvimento em situações que se poderiam chamar radicais —, entendo que não se pode atribuir o fator risco como algo hereditário. O que temos em comum é o completo respeito pela liberdade e como isso conduz nossas atitudes e nossos estilos de vida. Portanto, Maya poderia escolher qualquer outro caminho e eu estaria do seu lado do mesmo jeito. Tanto que nunca conversamos sobre sua preferência pelo surf ou pelas grandes ondas. Sempre deixei claro que valorizo a busca pela liberdade, de valorizá-la a todo custo.

E o futuro, o amor dela pelo surf lhe parece algo para toda a vida ou ela sinaliza outros interesses?

Maya é uma garota muito madura, que não só tem paixão pelo que faz como já está projetando uma carreira para muito longe. Com apenas 20 anos é uma mulher que sabe tomar todas as providências para fazer bem e melhor, sem correr todos os riscos. Meus únicos conselhos são que continue a fazer ioga e que só entre na água para enfrentar ondas se realmente estiver se sentindo bem. O resto é com ela, pois está bem preparada. Isso me tranquiliza e me dá orgulho.



Maya se preparando
para cair no mar do
Havaí



O caminho naturalmente complicado para um surfista brasileiro no exterior acabou se tornando duplamente difícil para uma menina de 18 anos inserida num contexto totalmente machista. "No começo eu era muito fechada, ficava sozinha, até que os caras começaram a olhar e perceber que eu era boa e fazia aquilo honestamente. Eu consegui o respeito do mundo do surf porque fazia tudo tão sozinha e era tão nova...", comenta ela. O resultado de tanto esforço pode ser medido pelas premiações e pelos títulos. Ela acaba de ganhar pelo segundo ano consecutivo o título de Melhor Performance Feminina, no Billabong XXL Global Big Wave Awards, o principal concurso da modalidade.

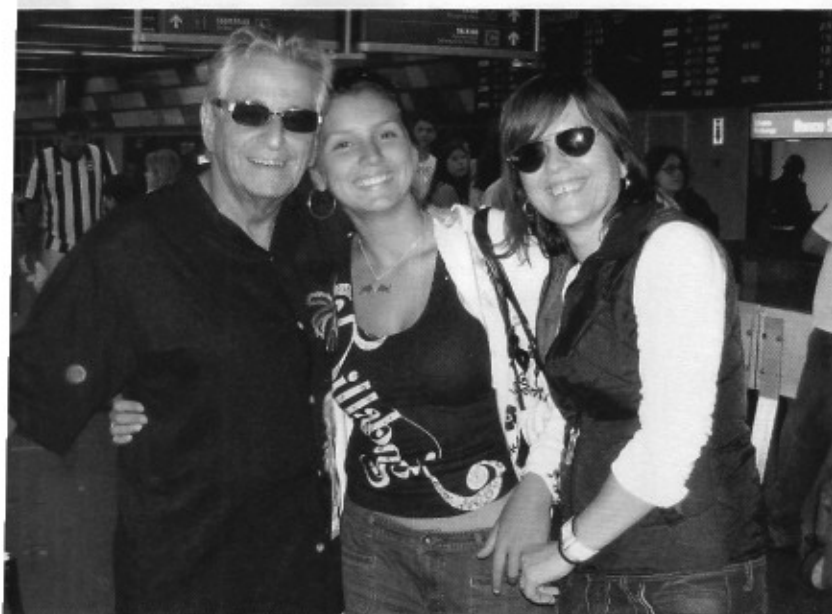
ÍDOLOS

Se por um lado alguns desconfiavam do talento da moça, não faltaram os críticos que a rotulavam de inconseqüente, ainda mais depois de alguns tombos bem feios, em locais especialmente perigosos, como em Teahupoo, no Taiti. Determinada, ela não se intimidou. "Se não tivesse sido inconseqüente, não teria chegado aonde cheguei. Eu poderia me acomodar, ficar no nível que estou agora. Mas, se não tiver vontade de me expor um pouco mais, não vou evoluir", filosofa Maya.

Solteira e reservada, Maya só relaxa para falar de seu grande amigo, mentor e agora parceiro Carlos Burle, o maior big rider brasileiro. Com ele, faz dupla no surf tow-in, modalidade do esporte em que o surfista tem o auxílio de um jet ski para entrar na onda e que elevou o surf para patamares inimagináveis até há pouco tempo. "Imagina uma menina com vontade de evoluir e então aparece um ídolo como o Burle e diz que quer me ajudar. Acabamos virando grandes amigos. Somos muito parecidos. Eu entrei com a energia, ele entrou com a experiência, e nem acreditamos aonde chegamos", relata Maya.

De outro ídolo, Laird Hamilton, o precursor do surf tow-in, Maya tem respeito, porém sem usá-lo como modelo. "Eu acho o Laird um privilegiado. Ele é muito bom no que faz, muito profissional, e teve os contatos certos para poder viver a vida dele do jeito que quisesse. Mas eu não me vejo nessa situação", diz, se referindo ao fato de Laird ser avesso às competições e encarar o surf de modo purista, sem deixar de explorá-lo economicamente.

Até porque Maya é competitiva. Muito. E gosta disso. Tanto que é confiante na recompensa de seu trabalho. "Ganharei muito dinheiro com o surf. E não somente porque acredito em mim. Mas porque acredito no



Em sentido horário, Maya entre o pai, Fernando Gabeira, e a mãe, Yamê Reis, no aeroporto do Rio de Janeiro, em uma das muitas despedidas; recebendo o prêmio de Melhor Performance Feminina no Billabong XXL Global Big Wave Awards; a loira em pose para a sessão de fotos que ilustra esta matéria; e Maya com a irmã, Tami, brincam no ombro do pai

esporte, no futuro desse esporte. Quem não quer ver um esporte de alto risco? Às vezes, você passa por uma competição de surf e não pára. Agora, quando tem um carinha descendo 20 pés, quem não pára para ver? É uma coisa que chama a atenção, tem muito apelo", acredita Maya.

As mudanças, o sucesso e a fama já começam a intervir na rotina tranquila dessa típica garota da zona sul carioca. Ela estranhou o assédio que recebeu de fãs em sua última passagem pelo Rio de Janeiro, em abril, especialmente após virar reportagens de revistas e programas de televisão. "Tá ficando complicado. As coisas estão mudando muito rápido. Fiquei impressionada com o assédio dos fãs", fala, lembrando ainda que, por conta de sua agenda lotada e os compromissos de seu pai, ela mal teve tempo de se encontrar com Fernando Gabeira. "Espero poder ajudar na campanha dele à prefeitura do Rio de Janeiro", adianta Maya. A única coisa que não mudou foi a sim-

plicidade e a atitude "pé no chão" da surfista com os amigos e a família. "Não mudei em nada o meu jeito de ser. Por estar trabalhando muito, às vezes sinto que estou com pouco tempo para os amigos, mas sou a mesma pessoa."

Por enquanto, ela não pensa em casamento nem em namorados. Seu único objetivo são as ondas. "Vivo muito do presente e não penso muito no futuro", conta. Mas, quando ele chegar, Maya espera "estar feliz, com uma família legal e com grana para poder continuar comprando os melhores equipamentos e evoluir ainda mais no surf".

Resta saber somente se as ondas serão páreo para o ímpeto devorador dessa menina que desafia a natureza, a física, a coragem e até a morte. "Eu acho que logo logo estaremos surfando 100 pés." ☉

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO: VANESSA AMARAL PRODUÇÃO: JULIANA PROCESSO ASSISTENTE: REBECA MEYER BELEZA: OMAR BERGEE AGRACEDIMENTOS: LOJA BILLABONG, R. OSCAR FREIRE, 909. TEL.: (11) 3081-2798. WWW.BILLABONG.COM.BR